



Os moinhos da Apúlia são dos motivos mais interessantes da zona turística de Esposendé. Alguns foram adaptados a residências de veraneio

Jornada verde e azul em Fão-Ofir-Esposende

A Camara Municipal de Esposende, a Comissão Municipal de Turismo e o Secretariado Nacional da Informação, com a sempre prestimosa ajuda da TAP, entenderam proporcionar aos jornalistas lisboetas um dia de despreocupada observação, na zona de turismo Fão-Ofir-Esposende.

A gentileza azul das solícitas hospedeiras dos nossos transportes aéreos, que nos receberam com um «bom dia!» inicial e claro, em muito contribuiu para que a primeira etapa da viagem decorresse num ritmo agradável e cómodo

As 9 e 15 tínhamos sob nós o casario aglomerado da cidade do Porto. Eram bem visíveis as três pontes sobre o Douro — duas em ferro, vindas do passado, e outra em activa construção, abraçando a água num arco de Letão armado, testemunha de um presente com os olhos no futuro.

Em Pedras Rubras, após ligeiro entretenimento proporcionado pela conversa com os jornalistas por-

tuenses, tomámos um «auto-pulmann» e lançámo-nos pela estrada Porto-Viana.

Azurara, Vila do Conde, Póvoa de Varzim... Em Esposende, atenciosamente nos recebeu o presidente do Município, sr. António Costa Leme — e durante as duas escassas

(Continua na 13.ª página)



Jornada verde e azul

(Continuação da página central)

horas que faltavam para que a manhã terminasse, toda aquela maravilhosa zona de turismo foi por nós visitada. Os hotéis, piscinas e parques de campismo sobressaíam harmoniosamente na paisagem verde, justificando a fama de que já justamente gozam em todo o País.

A manhã culminou com a subida ao Monte de S. Lourenço, onde talvez faltem uns miradouros e uns bancos rusticos, á semelhança do que pode observar-se no Monte de Santa Luzia, mas que, sem duvida, é um excelente ponto para nos darmos conta de uma paisagem livre e dispersa, mar e campo, onda e caules...

Alguém nos elucida que, naquela direcção, um grande terreno, oferecido pela Fundação da Casa de Bragança, está á espera da construção de uma casa de férias e repouso para os profissionais da Imprensa...

— Á espera de quê? — interrogámos.

— Á espera — esclarece-nos alguém competente para o fazer — da urbanização de toda a zona, tarefa esta já iniciada. Então, os jornalistas poderão ir pensando no lançamento da primeira pedra da sua merecida casa de repouso...

Descemos o Monte.

Um almoço reuniu, no Hotel de Esposende, todos os convidados. Decorreu amistoso e alegre, embora, a certa altura, se fizesssem afirmações que nada tinham a ver com a palavra turismo.

Mas... viva o sol, que é quem merece todos os vivas — e vamos á jornada turística que nos foi proporcionada.

● Cávado acima

Soprava um vento forte. «Nortada» — disseram-nos. Mas fomos, sem receio, pelo Cávado acima. Era um rio ondulado, batido pelo sol, marginado de verde. O barco, movido, á ré, por um motor ruidoso,

abria na água uma senda espumosa...

Ultrapassada a ponte metálica, traço de união entre Fão e Esposende, prosseguiu a breve viagem até Barca do Lago. Vem este nome da longínqua Idade Média, quando os peregrinos, em romagem a Santiago de Compostela, atravessavam aquele remanso de água em frágeis barcos de madeira.

Gente humilde dos campos marginais acenava-nos com lenços, em ar de festa e boas-vindas. Nós correspondíamos, tonificados e alegres. Parecia que o Mundo estava todo certo.

● Apúlia

No regresso, e transferidos para o cómodo «auto-pulman», o nosso imediato destino foi a praia da Apúlia.

Lá estavam os moinhos, alguns dos quais transformados em aprazíveis residências de veraneio. Sua forma cónica, o triangulo de suas asas, tornam típicas estas dunas e areias — e quem as viu uma vez não as esquece mais.

O que falta nesta praia para que verdadeiramente seja considerada como turística? Talvez uma pérgola assente num paredão mais protector. Um toque, enfim, de urbanização que, sem anular certa simpática e pitoresca rudeza, a abrevie um tanto e até a sublinhe.

● Os «Cavalos de Fão»

Volvemos a Ofir. A tarde caía. Um aperitivo foi-nos servido no moderno restaurante construído em frente do mar, a escassos duzentos metros do hotel que foi o primeiro imóvel a albergar naquela zona, turistas nacionais e estrangeiros.

Os convidados, em amena conversa, discutiam este e aquele pormenor da agradável jornada: a possibilidade (já comprovada) de esqui aquático no Cávado; o remo, a vela, a natação; a pesca tranquila e silenciosa, em pequenos cais musgosos e sombreados; o campismo no Marachão; um piquenique em qualquer amável bosque, etc.

— Que rochedos são aqueles, além no mar? — perguntámos.

Atencioso, o presidente do Município de Esposende elucida-nos:

— São os «Cavalos de Fão». Um motivo pitoresco na paisagem, mas um perigo para os barcos de pesca que demandam os ancoradouros...

Longe, já quase tocando a linha do horizonte, o Sol era um disco de cobre, férvido e rubro. Os «Cavalos de Fão», tocados por uma ultima aresta oblíqua, pareciam querer permanecer para além da noite que se vinha aproximando...

● «Show» televisionado

...E tudo, finalmente, terminou com um jantar no Hotel Ofir, presidido pelo presidente da Camara Municipal que tão amável convite havia formulado.

Não houve discursos desta feita — antes alegre e despreocupada conversação, humedecida por vinhos vários. Ambiente cosmopolita, ouviam-se frases em diversas línguas, predominando, no entanto, o português e o inglês.

A Rádiatevisão Portuguesa por amável deferência, brindou aos convivas com um fim de noite que foi uma autêntica surpresa.

Organizou um animado «show», o qual simultaneamente decorreu na «boîte» do hotel e perpassou nos «ecrans» de aparelhos «estratégicamente» colocados. A objectiva andava pelo meio da sala em busca dos melhores angulos e dos mais sugestivos planos. Os projectores iluminavam todos os cantos, cegando quem os olhava de frente...

A trompeta do conjunto musical convidava a qualquer euforia. Duas jovens negras brasileiras, plenas de ritmo, estremeciam com a íntima boa disposição de cada um. A meia-noite, terminou a emissão da televisão e o perigo de aquele «olho» implacável, aberto em tanto lar sossegado e feliz. Assim, houve quem confraternizasse com as artistas, dançando aquele endiabrado ritmo brasileiro, que é sempre o mesmo e que é sempre novo: o samba, o baião, o batuque...

— Boa noite — dissemos.

E' que eram duas e pico da madrugada e o avião para Lisboa partia ás nove da manhã.

PEDRO ALVIM